

O alfeneiro

No parquinho da escola, entre árvores velhas e altas, banheiros construídos a facão e brinquedos enferrujados, o professor novato disse:

— Desenho livre, pessoal. Escolham qualquer coisa e desenhem.

Foi estranho, porque sempre que a antiga professora de artes falava sobre “desenho livre”, era livre mesmo. Qualquer coisa, de paisagens simples a espaçonaves, contanto que ficássemos em silêncio e com a bunda na cadeira durante 45 minutos.

— Qualquer coisa? — Perguntamos.

— Qualquer coisa *do parquinho*.

Nos dividimos, tateando pela areia e pela brita com o caderno de artes aberto numa página em branco e alguns lápis de cor nas mãos. Pensei no trepa-trepa, mas desisti porque eu não gostava de entregar qualquer coisa e o trepa-trepa, com algumas linhas aqui e ali, estava feito. O campo de areia e suas traves improvisadas eram fáceis na mesma medida e, para o escorregador, bastava uma curva. Decidi por um dos muitos alfeneiros que contornavam o parquinho. Sentei-me na calçada bruta de frente para a árvore e ali fiquei com a folha do caderno de artes em branco por longos minutos porque, me dei conta, aquele alfeneiro não se parecia em nada com os dois riscos côncavos e a coroa circular que até então caracterizavam as árvores do meu “desenho livre”. O professor se aproximou, percebeu minha hesitação e disse:

— Olhe bem!

— Olhar o quê?

— Olhe bem...

Olhei, sem muita certeza. Tracei algumas linhas e, depois de um tempo indo e vindo com o lápis e a borracha, o tronco irregular desenhado me pareceu coerente. O marrom do alfeneiro, porém, não era o mesmo marrom do lápis que eu carregava, marrom esse que sempre me afirmaram ser o dos troncos de árvores — inclusive a antiga professora. Testei o verde forte, porque vai saber... Não deu certo também. Ouvi, vindo de trás:

— Olhe bem, cara. Olhe bem!

Coloquei os lápis na altura dos olhos, fechei o olho esquerdo e tentei compará-los com a árvore. Primeiro o marrom, depois o verde forte, depois o verde fraco. Tentei também o vermelho, o laranja e o amarelo. Vai saber... Nenhum combinou. Desisti das cores e, na busca por mais do que linhas irregulares que poderiam, com muito custo, caracterizar um tronco de alfeneiro, percebi os líquens. Os tons de cinza daqueles círculos escamosos às vezes grandes, às vezes pequenos, que salpicavam o tronco da árvore, também não pareciam combinar com o cinza na minha mão. Ignorei as diferenças num primeiro momento e fiz alguns círculos em diferentes pontos do meu desenho.

Uma parte de cada vez, pensei; primeiro as características gerais, depois as cores. Pareceu um bom plano e, os líquens finalizados, subi o olhar para as folhas, o que me fez desistir sem pensar duas vezes. Eram folhas demais, formas demais, cores demais. Redefini as metas com um grande suspiro: meu tronco seria maior e ocuparia toda a página. Assim, quem sabe, eu conseguiria prestar atenção aos detalhes e apreender as infindáveis nuances daquele mundo inteiro que era o tronco do alfeneiro. Apaguei tudo e refiz as linhas e os círculos rapidamente, sem muito critério. Quando me dei por satisfeito, peguei o cinza nas mãos. Imóvel, fui surpreendido novamente:

— Olhe bem...

— Mas eu não sei!

— Você tem que — de olhos fechados, o professor fez um movimento circular com as mãos e apontou para a árvore, como se ela por si só bastasse — olhar!

— Aaaaah... — Respondi. Acho que entendi o que ele quis dizer.

— Olhar bem!

— Sim! Olhar! — Concordei com a cabeça e esbocei um sorriso.

Tomei o lápis marrom decidido, o professor virou as costas e num instante eu já não sabia mais o que fazer novamente. Busquei ajuda, mas o homem estava longe, repetindo o gesto que fez para mim e outros colegas. Gastei mais alguns minutos olhando para a folha do caderno de artes, desgastada pela borracha e sem nenhuma cor, até desistir uma última vez. Estava exausto, tão exausto quanto se estivesse correndo, pulando, caindo e levantando pelos brinquedos do parquinho, como costumava fazer anos antes. Olhei para o alfeneiro, derrotado, e descansei o marrom na página quase em branco do caderno de artes, ansiando pelo sinal do intervalo.

Muito tempo depois, vinte e tantos anos para ser mais exato, enquanto dirigia para o trabalho na manhã de um dia qualquer pela mesma avenida de sempre, remoendo uma história nada elaborada que custava a ganhar o papel, parei na sinaleira. Coloquei o carro em ponto morto, puxei o freio de mão e olhei para o canteiro que dividia as duas vias. Vi um alto e velho alfeneiro. Abri o vidro do carro, escorrei o cotovelo na porta e prestei ainda mais atenção: líquens. Levantei a cabeça: folhas demais, em formas demais e cores demais. Foi então que olhei e foi olhando que entendi. Sorri. Esqueci do trabalho, esqueci da história e, com medo de que a visão me escapasse, dirigi até a antiga escola. Pedi para a secretária pelo tal professor, que, por sorte, era o mesmo de vinte e tantos anos atrás. Ele apareceu caminhando devagar pelo pátio, já grisalho.

— Eu olhei bem, professor! — Disse ao me aproximar. — Eu finalmente olhei bem!

Abracei-o.

— Eu olhei, professor! Eu olhei bem!

Com um sorriso no rosto, ele respondeu:

— Você olhou o quê, meu jovem?